



## SAÚDE LGBT+ NA POPULAÇÃO IDOSA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE UM OLHAR INCLUSIVO NA GERIATRIA

Ana Karollyne Salviano Ferreira de Melo<sup>1</sup>

Allyssandra Maria Lima Rodrigues Maia<sup>2</sup>

Fernanda Clara da Silva<sup>3</sup>

Milton Roberto Furst Crenitte<sup>4</sup>

Tammy Rodrigues<sup>5</sup>

### RESUMO

O envelhecimento populacional culminou no aumento proporcional dos idosos. Nesse viés, também houve aumento da quantidade de idosos identificados como Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Transexuais (LGBT+). Historicamente, este segmento é negligenciado, todavia, precisa e merece de um olhar social inclusivo, especialmente no que tange à figura do médico. Assim, o projeto de extensão Grupo de Incentivo à Saúde do Idoso (GISI), visando fomentar a discussão das perspectivas da geriatria no contexto da população idosa LGBT+, organizou uma reunião científica online ministrada pelo médico Milton Crenitte, geriatra pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) que desenvolve uma linha de pesquisa sobre envelhecimento LGBT+. Sob esse panorama, foi possível abordar as particularidades do idoso LGBT+, sua visão tanto na sociedade como no sistema de saúde e a construção de ambientes inclusivos para LGBT+ 60+. A partir da iniciativa, foi notória a possibilidade de aprendizado e sedimentação de conhecimentos em relação ao tema, que certamente conduziu os integrantes do projeto a uma nova visão e, especialmente, inspirou para que novas iniciativas nesse contexto fossem desenvolvidas.

**Palavras-Chave:** Assistência centrada no paciente; Relações comunidade-instituição; Minorias sexuais e de gênero.

1 Graduanda em Medicina na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. anakarollyne@alu.uern.br.

2 Professora da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Doutora em Ciência Animal – Universidade Federal Rural do Semi-Árido. allyssandrarodrigues@uern.br.

3 Graduanda em Medicina na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. fernandaclara@alu.uern.br.

4 Residência em Geriatria pela Universidade de São Paulo. Doutor em Ciências - Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. milton.crenitte@gmail.com.

5 Professora da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Residência em Medicina de Família e Comunidade pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. tammyrodrigues@uern.br.



## ABSTRACT

Population aging is the result of an increase in the proportion of older people. In this sense, also there has been an increase in the number of elderly people who identify as Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender and Transsexual (LGBT+). Historically, this group is neglected, however they need and deserve social inclusion, especially an inclusive perspective by the doctor. Thus, the extension project “Grupo de Incentivo à Saúde do Idoso”, which aims to discuss geriatric medicine perspectives in the context of elderly population who identify as LGBT+, organized an online scientific presentation by the doctor Milton Crenitte, a geriatrician who works at Faculdade de Medicina of Universidade de São Paulo (FMUSP) and develops researchers on LGBT+ aging. In this context, it was possible an approach to the particularities of LGBT + elderly people, how they are viewed and treated in society and in the health system but also it was possible to discuss the construction of an inclusive community for LGBT+ older than 60 years. From this initiative, the possibility of learning in relation to the theme was notorious which certainly led the project members to a new perspective and especially inspired them for new initiatives.

**Keywords:** Patient-centered care; Relationship between the community and the institution; Sexual and gender minorities

## 1 INTRODUÇÃO

A nível nacional e mundial, o envelhecimento da população é um fenômeno crescente, seja pelos avanços da Medicina ou da urbanização, por exemplo. No Brasil, considera-se idoso aquele que está na faixa etária a partir de 60 anos de idade. Estudos recentes apontaram que em 2030, a população idosa pode abarcar quase 19% da população do país. Sob esta conjectura, a longevidade tem ganhado destaque e com ela, algumas questões importantes. Dentre elas, é o aumento proporcional também dos idosos que integram Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Transexuais (LGBT+) - uma população negligenciada, mas que precisa de um olhar social e, principalmente, médico inclusivo, com as mudanças que imperam do mundo atual (HENNING, 2017).

O Grupo de Incentivo à Saúde do Idoso (GISI), institucionalizado pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e vinculado ao Comitê Local UERN da Federação Internacional das Associações dos Estudantes de Medicina do Brasil (IFMSA Brazil UERN), é um projeto de extensão que visa discutir os principais temas sobre senescência e senilidades de forma lúdica e prática entre os integrantes do projeto e também com os próprios idosos. Desta forma, realizam-se encontros na Unidade Básica de Saúde (UBS) com os idosos para orientá-los sobre temáticas importantes, tais como: automedicação, doenças crônicas, nutrição e sexualidade. Esses temas também são usa-



dos para capacitações com os extensionistas e coordenadores do projeto, a fim de que temas considerados tabus possam ganhar visibilidade, visando a integralidade social, cultural e saudável de um idoso. Com o objetivo de melhor discorrer sobre um tema muito importante no mês do Orgulho LGBTQ+, o projeto resolveu abordar as perspectivas da geriatria sobre a população idosa LGBTQ+.

De forma recente, a Geriatria, a Gerontologia e demais campos disciplinares que estudam o envelhecimento, tem se deparado com essa questão latente ainda pouco debatida. O modelo heteronormativo, socialmente imposto nas relações e no cotidiano, também se faz presente no contexto do envelhecimento e dos tabus sobre sexualidade que rondam os idosos. Essa rede ideológica é frágil, haja vista que tal perspectiva finda por marginalizar as orientações sexuais diversas que existem na sociedade. No contexto gerontológico, isso esbarra no desafio de caracterizar o envelhecimento além desta visão limitada, já que não incluir o envelhecimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Transexuais é insuficiente na construção não apenas social de gênero e sexualidade nos idosos, mas também no campo da saúde (SALGADO *et al.*, 2017).

A partir do reconhecimento do público LGBTQ+ como uma minoria sexual, é de suma importância reconhecer que há o enfrentamento da discriminação, estigmatização e violência, e essas são características socioculturais ainda marcantes. É interessante contextualizar que o idoso LGBTQ+ atual teve o ápice de sua juventude no século XX, vivenciando uma ditadura interior e exterior de aceitação da sua sexualidade que perdurou com o passar das décadas junto com o medo de assumir sua identidade frente a uma sociedade discriminatória (SANTOS *et al.*, 2020). Além desse preconceito gerar alta carga de ansiedade, estresse, isolamento social e medo nas pessoas idosas, a própria senilidade e muitas vezes a dependência de cuidados faz com que eles se sintam obrigados a “permanecer no armário” para que recebam um tratamento com dignidade e respeito. De tal forma, esse padrão LGBTQ+fóbico favorece o apagamento das características e da identidade das velhices não heteronormativas (CRENITTE; MIGUEL; JACOB-FILHO, 2019).

Além disso, um ponto importante é a inclusão do envelhecimento de pessoas que se identificam como homossexuais na sociedade em geral e principalmente nos aparelhos de saúde, a fim de que os estigmas e preconceito da velhice atrelada a “homossexualidade” e a “transgeneridade” sejam minimizados. Dessa forma, é imperativo abordar, suscitar e criar cenários mais desafiadores e problemáticos para que tal discussão acerca do espectro identitário da sigla LGBTQ+ em pessoas idosas seja mais evidente (HENNING, 2017).

Há um recente avanço no panorama, mostrando que a literatura tem investigado e debruçado maior atenção sobre essa temática, tentando abordar as particularidades ora segregadas na Gerontologia. Assim, o objetivo dessa reunião científica online foi discutir o panorama acerca das



velhices LGBTQ+ e refletir sobre as peculiaridades e inclusão integral na saúde dessa população.

## 2 RELATO DA EXPERIÊNCIA

A ação foi proposta como parte das reuniões científicas do projeto GISI. Visando o mês de junho repleto da programação temática pelo Orgulho LGBTQ+, a ideia foi que esse tema fosse abordado dentro do grupo para suscitar o debate da população idosa LGBTQ+ e seus desafios relacionados. A proposta foi idealizada a partir do contexto da pandemia da COVID-19, o que a fez ocorrer de forma digital via plataforma de streaming YouTube, no perfil da IFMSA Brazil UERN. Para abordar o assunto com competência, um médico geriatra especializado no assunto foi convidado para palestrar, Milton Roberto Furst Crenitte. Graduado em Medicina e com atuação em Geriatria, ambos pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), o médico atua em pesquisas sobre envelhecimento LGBTQ+, sendo voluntário da Organização Não Governamental (ONG) Eternamente SOU, voltada para o público LGBTQ 50+ (Imagens 1 e 2).

Para melhor o entendimento sobre a temática, dias antes do evento, alguns artigos sobre saúde idosa LGBTQ+ foram selecionados pela coordenação do projeto e encaminhados para todos os extensionistas do GISI. Já em relação à divulgação da reunião, esta foi feita a partir das redes sociais, utilizando principalmente a rede Instagram, de modo a abranger os seguidores tanto das contas oficial do GISI e da IFMSA Brazil UERN quanto das contas pessoais da equipe do projeto. Assim, a reunião ocorreu no dia 22 de junho de 2020 ao vivo e iniciou às 19 horas, durando aproximadamente 1 hora e ficando também salva no canal. Ademais, ressalta-se que foi aberta ao público em geral e todos poderiam fazer perguntas via chat.

Imagens 1 e 2 – Artes de divulgação da reunião “Saúde LGBTQ+ na população idosa”



Fonte: Acervo do autor, 2020.

Para dar introdução da discussão via YouTube, o convidado enfatizou a necessidade de ter uma ampla visão ao se tratar de um idoso, considerando as três esferas da vulnerabilidade: individual, social e programática. Outro ponto importante na atual Gerontologia, é a desmistificação da “velhice assexual”, já que há alguns anos, o assunto de sexualidade na terceira idade refletia um tabu dentro de uma sociedade extremamente conservadora. E assim, nota-se a mudança recente deste paradigma, em um movimento de reflexão, visando tratar e aceitar a sexualidade na velhice. Em contrapartida, no que tange aos idosos LGBTQ+, um pouco daquela visão velada retorna, já que muito do padrão social heteronormativo tende a considerar todas as velhices heterossexuais e cisgêneras, quando na verdade, há um leque de formas de se relacionar. Assim, uma vez rompido o tabu da sexualidade na velhice, deve-se romper a barreira entre esse tema e os idosos LGBTQ+.

No quesito de acesso à saúde no envelhecimento, o médico trouxe alguns dados. Explanou que o público idoso LGBTQ+ relata ter receio de usar os serviços e mais da metade afirma que já sofreu preconceito ao procurar auxílio médico. Exemplificou o caso de mulheres lésbicas, que realizam menos exames preventivos como a mamografia e o Papanicolau em relação às suas contemporâneas heterossexuais. Uma pesquisa importante realizada pela Organização Não Governamental (ONG) Eternamente SOU mostrou que a maioria desses idosos também não declara abertamente sua orientação sexual para os profissionais de saúde (fisioterapeutas, médicos, enfermeiros, etc). Em consequência desse público não declarar essa informação, o acesso à saúde não é tão eficiente e os profissionais não aderem às particularidades destes.

O geriatra Milton reforçou que com o processo de envelhecimento, a saúde mental é impactada pelas mudanças fisiológicas e sociais. Além disso, esses fatores por si só já impactam na saúde do idoso e são agravados, em grande parte, pela cultura que sempre exalta a beleza, a juventude e a independência e o idoso, e ao perder essas funções, pode sofrer de processos de ansiedade, sobrecarga emocional e levar até a quadros mais sérios de depressão.

Ademais, refletiu-se que se é difícil para esse público cuidar da saúde mental ao envelhecer, para a população idosa LGBTQ+, é ainda mais complicado abordar o tópico. Muitos desses idosos sofreram preconceito e repressão durante toda a sua vida e juventude pela sua aceitação da orientação sexual e identidade de gênero. Um dos pontos que mais perpassa a velhice LGBTQ+ é a solidão, advinda do isolamento social e do conceito de “família” para essa geração de idosos. Muitos desses idosos tiveram que romper suas relações familiares ou foram expulsos de casas ou não tiveram relações duradouras com seus entes. Assim, boa parte dessa comunidade é solteira, mora sozinha e não teve filhos. Uma das preocupações desse fato é a insegurança de não ter alguém para chamar em caso de



emergência, fragilizando o suporte social e o cuidado dessas pessoas em uma fase de maior vulnerabilidade. Nesse momento de discussão, dialogou-se com a importância da abertura do profissional de saúde com a família de escolha do próprio paciente, afinal laços consanguíneos nem sempre representam, de fato, a rede de apoio de um indivíduo.

Quanto a este tópico, percebeu-se que a criação de espaços de saúde amigáveis a esse público é essencial. Dessa maneira, a implantação de práticas, linguagens e de símbolos que sinalizem um local não discriminatório e inclusivo auxilia no desenvolvimento tanto social quanto na abertura das questões de sexualidade na saúde geriátrica. Uma pauta destacada foi quanto às instituições de apoio e lares de idosos. Dr. Milton reforçou o papel transformador da extensão universitária inspirando-nos a capacitar os profissionais desses ambientes e promover educação entre os próprios residentes que frequentam o ambiente. Isso é essencial para que os idosos que são LGBT+ se sintam queridos e respeitados, sempre buscando acabar com qualquer tipo de violência.

Durante o momento de perguntas e respostas com o convidado, alguns temas importantes foram pontuados. Um dos questionamentos levantados foi como atender um idoso LGBT+ que se assumiu para o profissional de saúde, mas não para sua família. Doutor Milton explicou que isso exige uma postura que passe não apenas confiança, mas acolhimento e respeito da decisão desse paciente em contar ou não à família, verificando impactos financeiros e de violência caso ele decida expor a sua sexualidade. Também é plausível trabalhar os estigmas associados a “sair do armário” no quesito psicossocial. Com isso, é de suma importância que o profissional de saúde não tenha tabu e passe sempre uma imagem afável e sem julgamentos, seja na comunicação verbal ou gestual.

Ainda, o facilitador falou sobre sua motivação e interesse nessa área, que viu tão pouco abordado durante sua residência e na rotina médica. Também discorreu o trabalho que desempenha na ONG Eternamente SOU voltado ao público 50+, que conta com o primeiro espaço de convivência LGBT+ de idosos do Brasil e estimula várias atividades aplicadas na saúde física e mental da comunidade ali presente.

Ao falar de saúde LGBT+, a população trans carece ainda mais de cuidados. No envelhecimento da população trans, destaca-se que o homem trans tem vagina e pode ter ainda útero, o que impacta na realização do exame preventivo para rastreamento de Papiloma Vírus Humano (HPV) e possíveis indícios de câncer cervical, por exemplo. A mulher trans tem próstata, o que necessita de cuidado médico na avaliação do câncer. Cita-se ainda que essa idosa possui maior risco de osteoporose, devido ao bloqueio de testosterona que é causado pela hormonioterapia e esse fator faz da idosa trans mais predisponente a fraturas.

Baseado nos ensinamentos e na discussão proposta dentro do grupo, é notório que há uma demanda social crescente nesse eixo temático, ainda atrelada a aspectos culturais e preconceitos, principalmente na área



médica. Poder abordar as terminologias, compreender a diversidade presente na identidade de gênero, na orientação sexual e trabalhar o empoderamento desses idosos ainda marginalizados foi uma forma de acolher toda essa pluralidade idosa LGBTQ+ e dar visibilidade a eles.

A partir dos aspectos multifatoriais do idoso LGBTQ+, é necessário que os cursos médicos e os serviços públicos e privados de saúde passem a problematizar esse campo e fazê-lo virar uma realidade, acabando com o silêncio e fazendo com que mais atividades e reuniões como a descrita se tornem possíveis.

### 3 CONCLUSÃO

Em síntese, a saúde da população LGBTQ+ idosa é um tema negligenciado na geriatria, mas que tem ganhado força e discussão recentemente. Durante a exposição, o convidado elaborou a construção e argumentação de temas muito importantes tanto no aspecto pessoal quanto como futuros profissionais de saúde, se atentando a ser sempre inclusivos e acolhedores e trazendo uma perspectiva nova para o GSI. Por meio da ação, foi possível ver o quão impactante foi a abordagem, já que todos os participantes do projeto de extensão fizeram muitos elogios e reflexões sobre o assunto, mostrando que esse tabu da sexualidade senil está cada vez mais longe dos futuros consultórios médicos.

### REFERÊNCIAS

CRENITTE, M.R.F.; MIGUEL, D.F.; FILHO, W.J. Abordagem das particularidades da velhice de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros. **Geriatr Gerontol Aging**, Rio de Janeiro, v. 13, n.1, p. 50-56, jan.-mar. 2019. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/ggaging.com/pdf/v13n1a09.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2022.

HENNING, C.E. Gerontologia LGBTQ: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos “idosos LGBTQ”. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 23, n. 47, p. 283-323, abr. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/Mw-58qyvVjfSQy7hbmmZqLbm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 ago. 2022.

HENNING, C.E. Luxo do Futuro. Idosos LGBTQ, teleologias heteronormativas e futuros viáveis. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 35, p. 133-158, ago. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ses-a/6BV7hwY9pTWB9qdmTHcCzn/?lang=pt#>. Acesso em: 24 ago. 2022.

SALGADO, A.G.A.T. et al. Velhice LGBTQ: uma análise das representações sociais entre idosos brasileiros. **Cienc. Psicol.**, Montevideo, v. 11, n. 2, p. 155-163, nov. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.edu.uy/pdf/cp/v11n2/1688-4221-cp-11-02-155.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2022.



SANTOS, J.V.O. et al. O que os brasileiros pensam acerca da velhice LGBT? Suas representações sociais. **Av. Psicol. Latinoam.**, v.38 n. 2, p. 1-14, fev, 2021. Disponível em: Acesso em: 24 ago. 2022.

SANTOS, J.V.O.; ARAÚJO, L.F.; NEGREIROS, F. Atitudes e Estereótipos em Relação à Velhice LGBT. **Interdisciplinar**, São Cristóvão, v. 29, ano 13, p. 57-69, jan.-jun. 2018. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/9624>. Acesso em: 23 ago. 2022.

